

OS LIVROS DA SEMANA

I — Em defesa do espirito critico

Ha quem se insurja contra o espirito critico. Ha quem declare terminantemente que a critica é perniciososa. Perante tais atitudes, fica-se perplexo. Não sabemos que pensar. Qual o motor de tais invectivas? A inconsciencia? A ignorancia? A estulticia? De facto, qualquer destas hipoteses é legitima. Um intelectual que pega na pena para negar o valor da critica ou pôr em duvida a sua legitimidade lavra a sua propria condemnacão. Em todo o acto intelectual está implicito um juizo critico. Condenar a critica é ser critico.

E' certo que, no nosso país, ha muitos intellectuales apenas de rotulo. Não ha, pois, que estranhar que certos «intellectuales» portugueses desconheciam os seus proprios deveres. Como hão de eles considerar missão fundamental de toda a actividade intellectual o juizo critico? Como hão de eles certificar-se de que não ha pensamento sem critica? Para isso, seria preciso, pelo menos, «pensarem». Eis o que eles nunca fizeram. Criticar é escolher. Um homem que não critica não escolhe. Quem não escolhe accita. Um homem que accita sem escolher não tem o direito ao nome de homem. Pois em Portugal ha homens com a apparencia exterior de intellectuales que condemnam o direito de escolha. Coisa singular: são exactamente estes homens que accusam de dogmatica a critica assente sobre valores claramente discriminativos. Estes homens que abdicam do direito de escolher as suas ideias e a sua conduta em beneficio de um dogma qualquer accite de olhos fechados são os primeiros a acusar de dogmaticos aqueles que os querem ajudar a escolher de olhos abertos. São ainda estes que renegam os intellectuales que no seculo passado tentaram ensinar os portugueses a pensar. Renegar Antero, renegar Herculano, renegar Oliveira Martins, renegar Eça de Queiroz, só porque foram altissimos espiritos criticos, é renegar o mais belo periodo da historia do espirito português.

E' preciso ter a coragem de dizer «não» áquelles que negam a legitimidade da critica: tal negação é uma defesa antecipada daquelas obras que só poderão viver onde a critica não existir. Se é certo que a critica, como tudo aquilo que é obra dos homens, não pode ser infalivel, a verdade é ser mil vezes preferivel vê-la errar do que prestarmo-nos ao espectáculo degradante de uma literatura onde os mediocres occupam o lugar dos grandes e a consagração é feita de genuflexões insensatas e de lisonjas pueris.

II — Critica e pessoalismo

Mas que é preciso fazer para que a critica não deixe de cumprir a sua missão? Purificá-la de pessoalismos. Vêr problemas onde outros vêem pessoas. Ir ao encontro das ideias indifferente ao cerebro que as destilou. Não hesitar acometer de frente os problemas fundamentais da cultura. Eis o que implica obstinação e frieza. E' preciso ser obstinado e frio. Também é preciso fechar os olhos aos sorrisos equivoocos e sorrir ás insidias facéis. Em suma é preciso amar mais as ideias do que os homens. Felizmente em Portugal começam a apparecer espiritos para quem as ideias são tudo: o pão e o vinho. Ha que prestar homenagem ao espirito critico que caracteriza certos grupos de jovens intellectuales. Apeete gritar-lhes com Thomaz Mann: «O homem dotado de espirito critico não tem só o direito de usar dele, mas o dever tambem. Tem o direito e o dever de usar dele até ao seu derradeiro dia, embora haja que reconhecer que essa tarefa é tudo quanto ha de menos conforme aos prazeres deste mundo.» Com effeito, para aquele que queira exercer o seu espirito critico, a vida não é facil. Mas a alegria de compreender é o maior dos prazeres: o mais alto e mais raro dos prazeres. Mãos á obra, pois. Olhemos de frente os nossos problemas e façamos tudo por comprehendê-los. Não tenhamos medo de comprehendê-los.

III — O problema do romance português

E' certo que os problemas da vida são muitos. Estamos numa hora em que os problemas da vida são mais importantes que os problemas da cultura. Mais importantes, não digo bem: mais instantes, é melhor. Deixemos, porém, os problemas da vida a quem nelles mergulha. Reservemo-nos os problemas da cultura.

Isto a que nós temos chamado, com grande escandalo de alguns, o «problema do romance» não é um assunto tão velho entre nós como se pode pensar. Direi mesmo: é um assunto novissimo. Já varias vezes aqui tenho dito que uma das coisas que caracteriza a literatura «moderna» de todos os países é o colaborar do espirito critico com o espirito criador. Assim como Baudelaire, foi, de certo modo, um dos primeiros poetas a quem a poesia appareceu como um «problema». André Gide deve ter sido dos primeiros escritores a quem o romance surgiu como um «problema». Quere dizer: o chamado «problema do romance» data do principio deste seculo. Mas entre nós o «problema do romance», isto é, o estudo da natureza estetica do romance, desdobrou-se noutra: o estudo das possibilidades

de um romance português. Tal problema só podia ter sido formulado ao verificar-se a não existencia de um romance português. Não existirá ele? Parece que não. Pelo menos, na opiniao de José Bacelar, entre nós não ha romance de interesse universal. Porque assim pensa, escreveu o ensaio que tenho presente: *Da viabilidade do romance português de interesse universal* (Seara Nova, Lisboa, 1939).

Não ha que negar a importancia deste problema. Uma literatura que não aspira á universalidade é com certeza uma bem pobre literatura. Estudar a capacidade—ou a viabilidade—de um romance português de interesse universal é, pois, formular um desses problemas directamente relacionados com os fundamentos vitais de qualquer literatura. Quere isto dizer que se não pode negar a José Bacelar o direito de ter formulado a pergunta: é viavel um romance português de interesse universal? Antes de vermos se é legitima a pergunta de José Bacelar, passemos a expôr o seu ponto de vista.

IV — Uma tese rangente

A tese de José Bacelar é esta: «o romancista tem as mãos e os pés atados pelo meio, ou pais, para o qual escreve, o romancista depende estreitamente do material que esse meio ou país lhe proporciona». Quere dizer: romancista está directamente em contacto com o meio social (portanto humano) que o rodeia. As suas obras têm de se alimentar desse material. Mas se o romance aspira á universalidade, isto é, na opiniao de José Bacelar, á «curiosidade dos homens de todo o mundo», é indispensavel que esse «meio» tenha as virtudes humanas comuns a todos os homens. Então, e só então, o romancista português (é do romancista português que se trata) poderá ter a esperanza de a sua obra vir a ser lida por todos os homens da terra. Só então um romance com verosimilhança nacional atingirá verosimilhança universal.

A traços largos, é esta a tese de José Bacelar. Como a resolveu ele? Para José Bacelar o «meio» português é de tal modo escasso em valores humanos que o romancista português difficilmente poderá conciliar na sua obra aquilo que ele chama a verosimilhança local (nacional) das personagens e a sua verosimilhança universal. Deste modo, o romancista português, condenado a ter de movimentar na sua obra seres com uma realidade portuguesa escassa em valores humanos de significado geral, vê-se-a na contingencia, para ser verosimil, de ser local. Sendo local, não pode ser universal. Mas, José Bacelar, que por momentos separa o romancista do «meio», considerando-o com virtudes superiores a ele, isto é, considerando-o com uma humanidade desconhecida do comum dos portugueses, logo nos explica a fraca imaginacão do romancista português pelo fraco, sentido humano dos portugueses em geral. De maneira que, não só o material é pobre em humanidade; tambem o romancista o é. Quando o não fôr, o meio o condenará a isso. Para José Bacelar o romancista nacional está metido num circulo vicioso.

E' claro que a tese não é exposta por Bacelar com este esquematismo. O seu ensaio tem cento e tantas paginas. Nessas cento e tantas paginas Bacelar não descansa. Faz tudo para ter razão. Precisamente por isso, a architectura do ensaio range. Bacelar, tão livre e tão incisivo quando nos mostra, na *Revisão*, nas *Dissonancias* ou em alguns dos seus ensaios, a mecânica das paixões humanas, surge-nos aqui contrafeito, peado, escravo de um estilo em que se sacrificam as subtilezas ás exemplificações brutais. Mesmo quando é do homem que nos fala, do português de quem nos tem dito já coisas profundissimas, não vai fundo: fica pelas generalidades mal documentadas. Não podendo retalhar a carne, retalha uma ideia pré-concebida sobre aquilo que nos quere fazer acreditar ser o português. Não se pode negar, porém, a energia, o vigor, a furia do bistiuri de José Bacelar. Vai a toda a parte: não fica tecido contaminado onde ele não chegue. O corpo desse português abstracto que Bacelar estendeu na mesa das operações sai das suas mãos retalhado. Mas, para considerarmos justa a sua tese, teríamos de começar por saber se aquilo que Bacelar pensa acerca da psicologia do português é exacto. Não entraremos na discussão desse delicado assunto. Limitar-nos-emos a verificar que o português sai um pouco caricaturado das mãos do ensaista. Não calaremos, tambem, que se nos afigura convencional aquela maneira de dividir a psicologia humana em nucleo vital e «ganga», isto é, uma parte humana originaria e uma periferia de hábitos, de tiques, de maneiras de ser estereotipadas. Em todo o caso, é neste estudo do português que Bacelar põe mais penetração: a incisão da critica é caustica. Aceite, pois, que o português carece de energias humanas originárias, há que aceitar a tese de Bacelar. Se o romance é uma arte cujo material é o «meio» e o «meio» português não presta, há que concluir que o romance português não pode ir longe. Com irau material não se podem fazer grandes obras,

quaisquer que elas sejam. Mas a tese de Bacelar pode ser posta em duvida. Se concebermos o romance como uma arte mais dependente do genio do romancista do que do meio, a tese claudica. Ora a verdade é que nós pendemos a dar ao romancista—ao seu «genio»—uma omnipotencia quasi total. Infelizmente, fazemos parte do numero daqueles estetas a quem Bacelar se refere com um certo azedume. A meu ver, a tese de Bacelar ressonante exactamente de ter sido formulada em termos não esteticos. Bacelar exprime-se no seu ensaio como moralista, sociologo ou psicologo. A colaboração nele do critico literario ou do esteticista do romance é pequena. Daqui Bacelar ter visto o seu problema de um ponto de vista exterior á literatura. Na previsão de um ataque, Bacelar soube, porém, cercar-se de uma basta artilharia dialectica. Mas não contou com as posições do inimigo. Viu tudo do seu ponto de vista, certo de estar no coração do problema. Na impossibilidade de responder a todos os seus argumentos, limitar-me-ei a levantar algumas objecções, que supunho fundamentais. Não o farei, porém, sem prestar homenagem á audacia com que José Bacelar atacou problema tão complexo.

V — Objecções á tese anterior

A que especie de romance se refere José Bacelar quando formula a tese de que o material do romancista é o «meio»? Naturalmente, ao romance realista, naturalista ou de costumes. Quere dizer: a sua tese tem de se restringir aos romances tipo *Feira das Vaidades*, *Madame Bovary*, *Crime do Padre Amaro*, etc. Mas há outras formas de romance. Há o romance psicologico, há o romance poetico, há o romance de pura introspecção, há o romance auto-biografico. Quanto a mim, o *Adolphe*, *Les Enfants Terribles*, *O Idiota* e todos os romances desta indole, dispensam a colaboração do meio. Demais, o «meio» é sempre, mais ou menos, um factor passivo. E' tão passivo o meio-humano para o romancista como o meionatureza para o pintor. Tudo depende em parte do temperamento do artista. Bacelar duvida muito da eficacia deste ponto de vista. Duvida tanto dele que estabelece uma distincção, quanto a mim impraticavel, entre o «valor arte», no romance, e o «valor humanidade». Quanto a Bacelar, pode conceber-se um romance com «arte» mas sem humanidade. Quanto a mim, tal coisa não é possivel. José Bacelar confunde «arte», no sentido puramente formal, com «arte» no seu sentido essencial. Eis por que chega a afirmar que «entre duas obras literarias concebidas com um quantum igual de «arte» terá, pois, mais interesse universal aquela que mais nos esclarecer sobre o problema de todos nós, sobre o problema do homem». Quere dizer: Bacelar concebe o *quasi* um de arte coisa independente do *quantum* de humanidade. Não. Num romance só ha humanidade na medida em que essa humanidade se exprime com arte. Não é indifferente escrever uma maxima sobre os homens, um ensaio sobre a natureza humana ou um romance. Cada uma destas formas literarias tem a sua maneira particular de communicacão. Cada uma delas só dará alguma coisa de profundo sobre o homem na medida em que o escritor se exprimir através delas respeitandolhes, as normas. Logo, para que um romance haja humanidade, é preciso o escritor ter exprimido o que nele há de humano em termos esteticamente romanescos. Logo a arte não é independente da humanidade. Está-lhe intimamente ligada. Obras que hoje se nos afiguram profundamente humanas, porque grosseiramente vividas, apenas usufruem um prestigio momentaneo: o prestigio de qualquer reportagem jornalística. Para que uma obra tenha significado humano eterno precisa de ter antes de tudo *Arte*. Eis por que se me afigura mais importante perguntar-se se ha romances portugueses eternos que se o romance português terá viabilidade de interesse universal.

Eis-nos perante outro ponto discutivel da tese de José Bacelar. Que se entende, no seu ensaio, por universal? Se me não engano, por universal entende Bacelar a facultade de uma obra ser lida e compreendida em todos os países do mundo: por todos os homens. Em principio está certo. Mas só em principio. Toda a gente sabe que as mais belas obras da literatura mundial (não falo já da literatura clássica) por muito poucos homens são compreendidas. E' certo Bacelar conceber o romance como um genero popular. A universalidade do romance é, pois, para ele universalidade total.

Pior: Bacelar dá á palavra universal um sentido comprometedor. Confunde *universalidade* com consagração jornalística. Pois não é certo aludir ao silencio tumular que rodeou as traduções de Eça? Ora a verdade é que o rumor feito á volta de um romance traduzido não significa nada sobre a autentica universalidade de uma obra. Pelo menos, nada significa quanto á sua *eternidade*. As obras de Blasco Ibañez foram traduzidissimas. Todavia, a obra do autor de *La Catedral* pouco vale ao

pé da de um Baroja, de um Valle Inolán ou de um Ázorin, pouco ou quasi nada traduzida. Não me parece, pois, que esta universalidade deva preocupar-nos.

Melhor seria preocuparmo-nos com a eternidade do romance português. E o certo é que ha entre nós dois ou três autores que nunca tiveram auditorio *internacional* (universal, no vocabulário de Bacelar), mas que terão por certo *eternidade*. Se os estrangeiros não querem compreender obras como *A Farsa*, de Raul Brandão, a culpa é deles. Parece-me que Bacelar confunde a facil simpatia do estrangeiro para com as obras pouco *originalmente nacionais* com a consagração que merecem as obras originaes. Para que a França compreendesse Dostoievski alguns anos foram precisos. Cinquenta por cento das obras que hoje gozam de prestigio universal estão, dentro de cinquenta anos, rodeadas de um silencio tumular. A nossa situação geografica, longe da Europa, devemos grande parte do isolamento a que a nossa literatura está votada. Porque a verdade é não ser só o nosso romance que não tem prestigio universal, tambem o não tem a poesia, o ensaio, o teatro. Não terá a nossa poesia interesse universal?

Que quero eu dizer com tudo isto? Que acredito, de facto, na existencia de um florescente romance português com interesse universal? Não. Quero dizer que ao critico literario ou ao esteta não deve importar a viabilidade de um «tipo geral de romance português de interesse universal». A literatura não é uma industria. Interessa antes perguntar se poderão apparecer em Portugal romances verdadeiramente superiores e universais. Quantos, não importa. Basta que um seja possivel. Ora a verdade é que, sendo possivel um, a tese de José Bacelar cai por terra. Um Eça de Queiroz basta a derrui-la. Thackeray, romancista de prestigio universal, não é maior que Eça de Queiroz. Na sua obra há o mesmo *localismo caricatural* que na obra de Eça. Mas Eça é claramente um romancista de matriz *internacional*. Camilo é muito mais original. Há romances de Camilo que bem mereciam a universalidade que não têm. Porque a não terão? Porque os estrangeiros gostam pouco do que é diferente. E' este diferente que é preciso impôr-lhes. Não é pois o problema do romance português de interesse universal que mais deve preocupar o critico nacional, mas o romance português, de interesse eterno, universalizavel dentro das suas virtudes originaes. Se ainda não soubemos criar esse romance é talvez porque o português não se sabe exprimir originalmente como romancista. Muito mais por isso do que por o meio, lhe não oferecer material capaz. A arte é a realidade vista através de um temperamento, disse o grande naturalista Zola. O que importa não é a realidade, o meio; o que importa é o temperamento que o vê. De um meio pobre pode tirar-se um belo material romanesco. Basta que surja o romancista com o temperamento capaz de exprimir o que nesse material há de romanesco. O romancista, como todo artista, deve ser superior ao seu meio. Só é artificial na medida em que o domina. Se ele lhe desagrade, satiriza-o. Eis o que fizeram os romancistas ingleses da época victoriana; eis o que fez Flaubert. Se o meio lhe é indifferente, transcende-o pela imaginacão. Eis o que fez Cervantes. Se o meio o embustece, espiritualiza-o. Eis o que fez Dostoievski. Qual é a posição do português perante o meio? Não sei. A verdade, porém, é que o dever do romancista português é de saber extrair desse meio exactamente aquilo que ele lhe pode dar. Se o meio é pobre, ao romancista cabe enriquecê-lo. Se não lhe é possivel enriquecê-lo dentro da verosimilhança, evada-se, leve-o consigo para os mundos ilimitados da imaginacão. Se não podemos ser realistas, sejamos poetas. O romance não é incompativel com a poesia. Demais uma coisa é a universalidade virtual da obra de arte, outra a sua universalidade pratica. José Bacelar, no seu ensaio, pensou mais na universalidade pratica do romance português do que na sua universalidade virtual. E' na universalidade virtual que os estetas costumam pensar...

VI — Imaginacão e critica

Em Coimbra, um grupo de jovens poetas, criticos e novelistas lançou uma revista. Chama-se ela *Altitude*. Neste seu primeiro numero, colaborado por poetas, como Manuel da Fonseca, Antonio Prado, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Namora e Santos Abranques, e prosadores, como Joaquim Namorado e Afonso Ribeiro, há alguns trechos de mérito. Sobretudo na poesia. Na critica há uma nota de Ramos de Almeida com observações justas e notas superficiais. A critica ao ultimo livro de Aquilino Ribeiro é sensata. Em suma, *Altitude* é uma revista de autenticos jovens: nela a imaginacão e a critica vão lado a lado.

JOÃO GASPAR SIMÕES